

## Passado glorioso, presente decadente: a fabricação da Nova Inglaterra a partir do conto *The Street* de Lovecraft [1920]

Glorious past, decadent present: the production of New England in Lovecraft's tale *The Street* [1920]

Andressa Freitas Dos Santos

Mestranda em História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

andressafreitas@gmail.com

Recebido em: 05/11/2020

Aceito em: 04/05/2021

**Resumo:** Permeada de monstros e criaturas que fogem à compreensão da razão humana, a obra de Howard Phillips Lovecraft [1890–1937] consolidou-se como parte do gênero do insólito ficcional. Apesar dos seus escritos serem de fantasia, observa-se neles a problemática da construção identitária. O objetivo deste trabalho abrange compreender como o imaginário histórico presente no conto *The Street* personifica a noção identitária estadunidense particular do autor, e como o contexto da época, marcado por greves noticiadas com histeria pela imprensa, gerando o *red scare*, foi incorporado em sua escrita. Utiliza-se a noção de lugar e paisagem do geógrafo Yi-Fu Tuan [1983; 2005], que adota esses conceitos para observar como os indivíduos se apropriam e criam espaços a partir da experiência. O conceito de *cartografia literária*, empregado por Robert Tally [2020], também é mobilizado no intuito de destacar a ação do escritor que, tal como o cartógrafo, se baseia na vivência do mundo real para a criação de mapas simbólicos que servem como representação da realidade.

**Palavras-chave:** Nova Inglaterra; Lovecraft; Identidade.

**Abstract:** Lovecraft's literature [1890–1937] is full of monsters and creatures that escape from human understanding and consolidated itself as part of the genre of the fictional uncanny. Although his writings are based on fantasy, we observe the problem of the American identity construction assembled by Lovecraft. This work aims to understand how the historical imagery present in Lovecraft's short story *The Street* [1920] personifies the American notion of identity, and how the context of the time, marked by the hysteria of the red scare, was incorporated into his writing. We use the notion of place and landscape of the geographer Yi-Fu Tuan [1983; 2005], that uses these concepts to observe how individuals appropriate and create spaces from their personal experience. The concept of literary cartography by Robert Tally [2013], is also used to highlight the action of the writer, that just like the cartographer, makes use of several devices that are based on the experience of the real world to create symbolic maps that serve as a representation of reality.

**Keywords:** New England; Lovecraft; Identity.

## Introdução

Tensões étnico-raciais conturbaram em demasia o ano de 1919 nos Estados Unidos. O breve sentimento de antigermanismo gerado pela I Guerra Mundial [1914–1918] foi eclipsado pelo Primeiro Surto do Perigo Vermelho [1917–1920], desencadeado pelos acontecimentos da Revolução Russa [1917–1923], que culminou com as tensões raciais conhecidas como o Verão Vermelho<sup>1</sup> de 1919 nos Estados Unidos. Os episódios de violência iniciaram-se nos estados do sul e posteriormente ocorreram na região da Nova Inglaterra. Os eventos foram amplamente noticiados pela imprensa estadunidense<sup>2</sup>, que amplificou a tensão ao descrever uma perspectiva peculiar dos acontecimentos, retratando os manifestantes por direitos civis como partidários de ideologias comunistas e revolucionárias.

Esse panorama fomentou o surgimento de diversas reações, que não se restringiram apenas ao campo do jornalismo. Na literatura ficcional isso não foi exceção. E os acontecimentos atingiram um dos expoentes da literatura de horror, o norte-americano Howard Phillips Lovecraft<sup>3</sup> – notoriamente reconhecido pela produção de uma mitologia centrada no horror cósmico, a qual marcou a sua identidade no mundo das letras. Apesar de sua obra manter-se alinhada a um gênero preocupado com o sobrenatural e que não denota visivelmente traços xenófobos e racistas, encontra-se em Lovecraft um vasto manancial de registros escritos que denotam o contrário.

---

<sup>1</sup> *Red Summer* ou Verão Vermelho [1919] é conhecido como o período em que ocorreram conflitos raciais entre negros e supremacistas brancos em várias cidades dos Estados Unidos. Esse acontecimento foi amplamente documentado pela imprensa, que, junto com o governo, temia a influência socialista e comunista dentro do movimento pelos direitos civis dos negros após a Revolução Bolchevique de 1917.

<sup>2</sup> Conforme o professor de história estadunidense Robert K. Murray [1955, pág. 16], a imprensa teve papel significativo na divulgação de notícias que circularam no ano de 1919 e que falavam de um provável levante comunista que destruiria a América.

<sup>3</sup> Howard Phillips Lovecraft [1890 – 1937], nascido na cidade de Providence, no estado de Rhode Island, foi um escritor estadunidense que concentrou boa parte de seus escritos ficcionais dentro do gênero do horror. Sua trajetória como escritor foi iniciada quando era bastante jovem, ainda em 1905. Lovecraft escreveu para diversas revistas *pulp fiction*, sendo a mais famosa delas a *Weird Tales*. Entre contos e novelas, sua obra tinha como tema central a estética do horror. Seus trabalhos ficcionais abarcam uma série de temas que refletem as próprias angústias e conflitos pessoais com o mundo que lhe rodeava, sendo estes a questão da presença não-humana na sociedade, a civilização sob ameaça, o pessimismo da época científica, a religião e a superioridade racial; este último se constitui um dos pontos mais polêmicos de toda a sua obra. Lovecraft também atuou como jornalista amador entre o período de 1903 até 1925.

Utilizou-se nesta investigação um exemplo desse tipo de escrito. Tomou-se como objeto de análise o conto *The Street (A Rua)*, escrito em 1919 e publicado em 1920. Nessa história, Lovecraft expõe uma perspectiva em ordem cronológica de acontecimentos que se sucederam em uma Rua<sup>4</sup>. Da grandiosidade à decadência, o autor narra cada fase, dando ênfase à paisagem da Rua e de como, com a chegada de novos personagens, ela vai sofrendo uma crescente deterioração – metaforicamente representada pelos imigrantes.

Os eventos narrados no conto têm inspiração diretamente relacionada à greve policial ocorrida na cidade de Boston, em setembro de 1919. Conhecida como *Boston Police Strike*, essa greve foi notoriamente explorada pelos jornais da época como um símbolo do golpe comunista que arruinaria os Estados Unidos. Antes disso, outras revoltas já vinham ganhando amplitude na imprensa nacional, como a *Seattle General Strike*<sup>5</sup>, ocorrida na cidade de Seattle no mês de fevereiro de 1919. Em Boston, as principais reivindicações dos policiais grevistas foram a diminuição das longas horas de serviço prestado, e a melhoria das condições de salário e de trabalho. Diante disso, a principal questão que move este trabalho é entender como o contexto da época, marcado por uma suposta *ameaça vermelha*,<sup>6</sup> transforma as maneiras de perceber os espaços em que os sujeitos estão inseridos, e nesse sentido compreender como isso se efetua na narrativa do conto *The Street*, de Lovecraft.

Como aporte teórico-metodológico, aplica-se o conceito de espaço e lugar de Yi-Fu Tuan [1983] para perceber como através da experiência é construída uma noção de lugar; e também de que modo a constituição de uma identidade muitas vezes está presa a atitudes que tentam resgatar o passado para vivê-lo no presente. É igualmente importante recuperar a noção trazida por Robert Tally [2013] de cartografias literárias, para compreender a forma como os autores em seus escritos produzem mapas simbólicos que representam muitas vezes matizes do mundo real, recurso utilizado

---

<sup>4</sup> Utiliza-se Rua com “R” maiúsculo porque Lovecraft atribui sentimentos e ações a ela, dessa forma personificando-a.

<sup>5</sup> Greve que afetou vários setores na cidade de Seattle no ano de 1919. Estima-se que cerca de 60.000 trabalhadores participaram da greve que durou cinco dias. [MURRAY, 1955, pág. 56]

<sup>6</sup> Ameaça Vermelha ou *Red Scare* faz menção ao período em que se desenvolveu nos Estados Unidos um forte sentimento anticomunista. Os jornais, o próprio governo, bem como os cidadãos possuíam forte aversão ao comunismo, o que beirava um comportamento histérico, como aponta Murray [1955, pág. 16]. Comumente os historiadores norte-americanos dividem esse período em duas fases. A primeira *red scare* acontece entre 1917 e 1920, e uma segunda vai de 1947 até 1957.

na literatura para preencher as lacunas da imaginação. A noção de paisagem de Tuan [2005] também é empregada para interpretar como se configuram as paisagens do medo na perspectiva de Lovecraft.

### O conto *The Street* [1920] e sua conexão com a história estadunidense

O conto *The Street* foi originalmente escrito no final de dezembro de 1919, e publicado no jornal *Wolverine*<sup>7</sup> em dezembro de 1920. Inspirado indiretamente pelo trabalho *Tales of War*, do barão Dunsany<sup>8</sup> [JOSHI, 2013, pág. 267], em *The Street* evidencia-se o teor xenófobo e racista na construção imaginária do espaço histórico da Nova Inglaterra como origem da identidade cultural estadunidense. Atualmente, o conto é pouco conhecido entre os leitores de Lovecraft, contudo, é uma preciosa fonte histórica para avaliar a exposição narrativa panorâmica de episódios sucedidos na rua de uma cidade dos Estados Unidos, provavelmente de Boston [Massachusetts]. Dentre os eventos narrados, destacam-se: a chegada e o estabelecimento dos peregrinos<sup>9</sup>; as guerras com os nativos daquela

---

<sup>7</sup> Hoje em dia, pouco se sabe sobre o jornal *Wolverine*. As poucas informações que se encontram acessíveis apontam que esse jornal, criado em 1879 em Michigan, publicava escritos de jornalistas amadores com uma temática voltada para a literatura e crítica literária. [LOVECRAFT, 2004, pág. 338].

<sup>8</sup> Edward John Plunkett Dunsany [1878 – 1957], o 18º barão de Dunsany, foi um importante escritor anglo-irlandês, que em vida publicou mais de 90 livros com temática relacionada a fantasia, horror, ficção científica e *weird fiction*. O seu trabalho *Tales of War* [1918] é composto por pequenas histórias, narradas por um oficial do Exército, que descrevem o horror da Primeira Guerra Mundial e a atmosfera de perda que reina concomitantemente ao evento. Dunsany, após Edgar Allan Poe, foi a segunda maior influência literária de Lovecraft [JOSHI, 2013, pág. 188].

<sup>9</sup> Lovecraft não menciona que os primeiros habitantes que criaram a Rua seriam os peregrinos e puritanos da Nova Inglaterra. Identifica-se esse episódio devido à descrição de que esses primeiros habitantes inauguradores da Rua portavam o chapéu cônico *capotain*, muito usado pelos puritanos. Contudo, Lovecraft não distingue peregrinos e puritanos, algo que é recorrente na historiografia americana. Os peregrinos, *pilgrims* em inglês, foram os primeiros 102 colonos ingleses - passageiros do *Mayflower* - que desembarcaram em 1620 na Nova Inglaterra por conta própria, pois eram puritanos separatistas da Igreja Anglicana, provenientes de classes populares. Eles criaram a colônia de Plymouth liderados por William Brandford e possuíam boas relações com os indígenas, protagonizando um episódio que posteriormente seria conhecido como *Thanksgiving Day* (Dia de Ação de Graças). Os demais imigrantes puritanos, *puritans* em inglês, tiveram como um dos principais líderes John Winthrop, que fundou Boston e Salém. Apesar de serem puritanos calvinistas, eles tinham a iniciativa de purificar a Igreja Anglicana, para tanto criaram um rígido código de conduta social e política, como a escolarização compulsória, que culminou com a fundação do Harvard College em 1636. A rigidez nas relações sociais das lideranças, de caráter político e religioso, ocasionou eventos de intolerância entre seus pares, com a condenação de dezenas de pessoas acusadas de bruxaria entre 1693 e 1694. Também foi o grupo que teve maior dificuldade de relacionar-se com os indígenas. Observando essa distinção, interpreta-se que a alusão elaborada por Lovecraft para os primeiros habitantes que construíram a Rua refere-se aos *puritans*. Contudo, algumas concepções historiográficas estadunidenses procuram essa distinção entre *pilgrims* e *puritans* como maneira de salvaguardar a benevolência na constituição da identidade estadunidense. Para o historiador Bruce Daniels: “Only one small group of Puritans, the first tiny settlement at Plymouth, called themselves ‘Pilgrims’: the larger migrations that followed did not use the term. Historians accurately take their cue from the participants and use the word ‘pilgrims’ to describe those first passengers on the Mayflower and ‘puritans’ to describe everyone else in early New England. But in its more general meaning—as travelers on a religious errand and quest—the word ‘pilgrim’ applies to most settlers in seventeenth-century New England, and the United States has always metaphorically defined itself as a pilgrim nation”. [DANIELS, 2012, p. 02.] “Apenas um pequeno grupo de puritanos, o primeiro e pequeno povoado em Plymouth, eram autodenominados ‘Peregrinos’: as maiores migrações que se seguiram não usam esse termo. Os historiadores seguem

região; o florescimento das artes e do estudo, propiciado pelo aparecimento da primeira universidade; a industrialização; a Guerra Civil americana; a chegada dos imigrantes; a Grande Guerra e, no final, a revolução.

A história contada em *The Street* compõe uma alegoria literária. A Rua é a metáfora sobre o espaço originário dos Estados Unidos: a região da Nova Inglaterra. Por meio da Rua, Lovecraft trafega pelos episódios da região expondo uma temporalidade cíclica, abordando-a como local da gênese e decadência da nação estadunidense. A história é relatada por um narrador onisciente intruso<sup>10</sup> que após questionar o leitor sobre a possível existência de alma em lugares e nas coisas, decide apresentar a história de uma Rua. A ciclicidade espaço-temporal da ascensão à decadência é marca construída pelo narrador, que observa como os habitantes da Rua viveram dias gloriosos até decaírem devido ao aparecimento de agentes estrangeiros. Apesar de não separar o enredo em tópicos, a estrutura pode ser subdividida em quatro momentos históricos – século XVII, XVIII, XIX e XX. Nestes, são apresentadas as mudanças no uso de diferentes utensílios e de vestuário dos habitantes da Rua como marcadores das transformações temporais, sem nunca mencionar diretamente os eventos históricos por eles vivenciados.

O narrador de Lovecraft sempre utiliza essa estratégia de enredo: descrever os objetos e eventos históricos por meio de suas formas fenomênicas, somente recorrendo às aparências sem denominá-las de maneira direta. Essa será a principal marca literária de Lovecraft, que confere um grau de verossimilhança e desperta a atenção e curiosidade do leitor devido à presença de objetos ocultos não-denominados semelhantes aos objetos de conhecimento comum. Esse estilo permite a Lovecraft transitar simultaneamente entre o caráter ficcional do romance e o caráter descritivo do estilo jornalístico. Portanto, é permitido ao autor compartilhar suas perspectivas e questionamentos

---

com precisão a sugestão dos participantes e usam a palavra ‘peregrinos’ para descrever os primeiros passageiros no *Mayflower* e ‘puritanos’ para descrever todos os outros no início da Nova Inglaterra. Mas em seu significado mais geral – como viajantes em uma busca e missão religiosa – a palavra ‘peregrino’ se aplica à maioria dos colonos do século XVII.” [DANIELS, 2012, p. 02. tradução nossa.]

<sup>10</sup> Para Norman Friedman [2002], o autor onisciente intruso é uma classificação que abarca os narradores que contam a história em primeira ou terceira pessoa. Além de ter a onisciência de todos os fatos e personagens, esse tipo de narrador emite intromissões dentro da narrativa, deixando claro suas opiniões a respeito dos fatos e/ou atitudes dos personagens. [FRIEDMAN, 2002, pág. 172].

sobre a realidade histórica do tempo-presente com os leitores, por meio simbólico das aflições dos personagens dos enredos ficcionais<sup>11</sup>.

No caso de *The Street*, o narrador de Lovecraft descreve as quatro etapas do ciclo cronológico como resposta ao questionamento – dirigida ao leitor no tempo-presente – sobre uma possibilidade de que os lugares pudessem possuir uma essência própria. Esse questionamento representa a aflição de Lovecraft em buscar compreender sua crença numa suposta crise da identidade civilizacional estadunidense. Assim, a alegoria é construída pelo narrador do conto integrando episódios selecionados da história dos Estados Unidos, sem designá-los pelos nomes usuais, formando uma lógica de interpretação baseada na circularidade espaço-temporal. Presume-se que essa construção teve como objetivo responder à problemática inserida no conto e, simultaneamente, oferecer uma resposta para as angústias de Lovecraft e seus leitores que buscavam encontrar as causas para a crise de identidade estadunidense.

### A ciclicidade espaço-temporal em *The Street* [1920]

A ciclicidade espaço-temporal do conto, subdividido em quatro etapas históricas, assemelha-se à noção retratada pelo Mito das Cinco Idades, elaborado pela poesia épica de Hesíodo na sua obra *Os Trabalhos e os Dias*, do século VIII a.C. Nesse poema, Hesíodo discorre a respeito dos motivos pelos quais o homem é levado a trabalhar. Para isso, o autor monta uma cronologia do tempo e da raça humana, numa sequência de acordo com uma hierarquia de valor: Idade (raça) de ouro; Idade (raça) de prata; Idade (raça) de bronze; Idade (raça) de heróis e Idade (raça) de ferro<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Os escritos de Lovecraft começaram a ter conhecimento público devido às suas atividades exercidas no jornalismo amador ao associar-se ao *United Amateur Press Association* [UAPA], de 1914 até 1925, organização em que exerceu o cargo de vice-presidente no biênio 1915-1916, de presidente no biênio de 1917-1918 e, posteriormente, em 1923. Lovecraft possuía o seu próprio jornal, *The Conservative*, fez parte do corpo editorial de vários jornais e também foi editor do jornal *National Amateur Press Association* [NAPA] [JOSHI, 2013, pág. 156]. Quando foi publicado o conto *The Street*, em 1920, Lovecraft estava extremamente envolvido com as participações dos grupos de jornalismo amador, e talvez por isso o conto tenha sido publicado num jornal de Michigan, distante de Providence, estado natal de Lovecraft.

<sup>12</sup> Nos versos 109 e 201 da poesia **Os Trabalhos e os Dias** de Hesíodo descrevem-se as etapas das cinco raças. Segundo os comentários da tradução realizada por Mary de Camargo Neves Lafer, a narrativa se debruça sobre o equilíbrio da *diké*, no caso a justiça, representado por meio do conceito de antítese grega: *hybris* ou desmedida. Para demonstrar o declínio civilizacional por meio da alegoria das raças, Lafer observa que a ciclicidade temporal é algo recorrente em diversas culturas: “O esquema básico deste mito tem importantes paralelos orientais, havendo sempre um esboço comum de quatro raças metálicas que se sucedem, cada uma mais impiedosa e envelhecendo mais depressa do que a anterior, sendo que, em geral, a última delas aparece enunciada em forma profética. Para exemplificar, temos, na tradição persa, os dois livros perdidos de *Avesta*, em que é descrita uma visão que revela o futuro para Zoroastro. Nesta versão o profeta vê uma árvore com quatro galhos, um de ouro, outro de prata e outro de aço e outro de ferro, e o deus explica que eles

Ao narrar a história da Rua, Lovecraft organiza os momentos históricos de forma similar. Em cada fase histórica do conto, observa-se como o autor classifica cada etapa cronológica conforme a sua pureza e importância até chegar a uma era degenerada, onde tudo se encontra em processo de destruição, principalmente por causa da presença de estrangeiros. Daqui para a frente, desdobram-se a análise e a concatenação da narrativa com a história estadunidense, a fim de produzir uma compreensão sobre o processo de criação de um imaginário do espaço dos Estados Unidos.

A partir de uma exposição cronológica, o enredo busca explicar, usando uma argumentação causal, os motivos da ascensão e declínio da sociedade construída ao longo daquela rua. A fundação da vila é protagonizada pela força e honra de homens que criaram as primeiras habitações no lado norte da Rua, e posteriormente povoaram a parte sul. Esses homens se estabelecem lá ao guerrear e expulsar os povos nativos daquele local, e vão progredindo. A vila com cabanas torna-se uma cidade com casas de alvenaria, capazes de abrigar gerações. Livros, pinturas, músicas configuravam uma erudição de requinte, resultando na criação da primeira universidade daquela localidade. O espírito daquele lugar, conforme ilustra o narrador, vivia seu período áureo. Com o crescimento da sociedade que povoava a Rua ocorreu a industrialização, trazendo populações de distintos lugares.

O conflito do enredo é retratado quando essas novas populações passam a habitar a Rua. Esses sujeitos, que ocupam o papel de antagonistas da narrativa, são descritos com rostos escuros, sinistros e de feições estranhas, vindos do outro lado dos mares. Na perspectiva do narrador, a chegada desses personagens provoca o aparecimento dos dias ruins em que o antigo espírito da Rua havia adormecido e já não era mais lembrado. A Rua passa a não ser mais a mesma de antes. O clímax da narrativa é atingido quando os novos personagens disseminam mensagens de crime e rebelião em panfletos e folhetos. Os tempos áureos de outrora se perderam em meio à grande agitação da guerra e à ameaça de extermínio da Rua por meio de uma rebelião planejada pelos novos habitantes.

---

correspondem às quatro idades sucessivas nas quais os cem anos de Zoroastrismo cairão; na primeira Zoroastro fala diretamente com o deus e a última a decadência é tal que os homens são menores até em sua estatura física. Entre os judeus, no Livro de Daniel [2:31 seg.], Nelrechadnezzar sonha com uma estátua cuja cabeça é de ouro, o peito e o braço são de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro e os pés de uma mistura de ferro e argila; segundo esclarece Daniel, cada parte dessa estátua representa cinco reinados diferentes, sendo o primeiro o dele e os outros lhe são gradativamente inferiores. Na literatura hindu nós encontramos uma doutrina das quatro idades do mundo representada pelos pontos de um dado, de quatro até um e as raças diminuem progressivamente em duração e retidão e aumentam em maldade e doenças; na última dessas etapas constatamos que a narrativa se inicia no tempo presente e termina no tempo futuro, exatamente como acontece na raça de ferro nos *Erga*'. [LAFER; HESIODDO, 1996, p.78- 79.]

---

No desfecho do conto a rebelião é contida. A Rua que abrigou esses estranhos sujeitos conspiradores agora está devastada pelo tempo. O seu desmoronamento repentino, que acabou matando quem ali vivia, atraiu a atenção de uma multidão que presenciou a cena. Dentre esses curiosos, um poeta e um viajante relatam uma visão fantasmagórica: a velha Rua de antigamente e seu odor sublime. O narrador encerra o seu enredo com a mesma dúvida do início: as coisas e lugares têm alma? E mantendo uma posição neutra, apenas afirma ter relatado a história da Rua.

Com a finalidade de investigar melhor cada segmento do enredo, pretende-se analisar um a um os diferentes blocos da narrativa a partir da segmentação temporal produzida pelo narrador. Partindo dessas divisões, observa-se que são produzidas metáforas em alusão à própria história dos Estados Unidos – da ascensão e do declínio desse espaço, ocasionado pela intrusão de estrangeiros e de seus ideais revolucionários.

### **A criação de um lugar: a narrativa de gênese da Nova Inglaterra no século XVII**

Nesse ponto inicial, ao refletir se coisas e lugares possuem alma, o narrador conduz o leitor a uma viagem, em que discorre sobre o início do processo de povoamento de uma Rua. O evento inaugural ocorre quando homens fortes e de grande virtude vieram das *Blessed Islands*<sup>13</sup> com suas famílias para uma terra desconhecida. Esses homens eram gente muito simples, caracterizada por usar o *capotain*, chapéu cônico, e portar mosquete ou armas de caça; suas esposas se distinguiam por usarem toucas. Tais características do vestuário estão notoriamente relacionadas com personagens da história estadunidense. Esses sujeitos descritos pelo narrador são o marco cronológico que remonta ao século XVII. O contexto histórico específico ao qual o autor se refere é o estabelecimento dos peregrinos nos Estados Unidos, em especial na colônia de Massachusetts. No conto, enfatiza-se o interesse dessas pessoas por se reunir à noite ao redor de uma lareira para falar aos filhos do aprendizado das leis, das façanhas dos adultos, e da tão querida Inglaterra – a qual só podiam imaginar.

---

<sup>13</sup> Ilhas Abençoadas [LOVECRAFT, 1920, pág. 65, tradução nossa]. A referência às *Blessed Islands*, *Isles of the Blessed* ou *Fortunate Islands* é bastante comum desde a Antiguidade. John Kirtland Wright [1923] aponta que os romanos já se utilizavam desse termo para se referir às Ilhas Canárias e à Ilha da Madeira. Na Idade Média, muitos historiadores e cronistas passaram a construir um imaginário fantasioso a respeito da Grã-Bretanha. Alexander Neckam, filósofo e professor inglês do século XIII, por exemplo, em *De laudibus divinae sapientiae*, constrói uma narração deveras poética enfatizando a grandeza e as maravilhas da Grã-Bretanha. Lovecraft explora esse imaginário idealista na produção de um ponto de partida para a sua história, elaborando uma noção de que a virtude atravessou os mares e se instaurou além do mar para fundar uma nova civilização de homens fortes e de grande virtude.

Desde o início percebe-se a idealização da terra pela qual Lovecraft possui devoção. A Inglaterra possui para o autor um valor inestimável, e sua ligação com ela é intermediada pela sua ancestralidade, que é expressa com orgulho por Lovecraft em diversas correspondências. A paz desse povo é interrompida por um breve momento de guerra com os índios, os quais, após o término desse confronto, não voltaram a perturbar a Rua, como informa o personagem. O conflito com os índios, ao qual o autor se remete nesse trecho do conto, provavelmente faz referência à chamada Guerra do Rei Felipe, um conflito armado ocorrido de 1675 até 1678 entre os indígenas e colonos na região da Nova Inglaterra<sup>14</sup>. É notório que na narrativa de Lovecraft o indígena não ocupa uma posição de destaque. A pouca importância que o autor concede ao evento e a esses personagens revela que a sua versão da história estadunidense é tendenciosa e assume apenas uma posição, a do colono.

O narrador continua a contar que nessa época áurea, enquanto mais famílias chegavam da Inglaterra para viver naquele lugar, a Rua viveu o ápice de sua prosperidade. Com o tempo, o humilde vilarejo transformou-se em cidade e as cabanas foram substituídas por belas casas de tijolo e madeira, fortes o suficiente para abrigar gerações. À medida que se consolidaram nesse espaço, tornaram-se mais requintados e felizes, cultivando o bom gosto e o conhecimento, características que culminaram na construção da primeira universidade, erguida em uma planície do norte. Lovecraft se baseia no estabelecimento da primeira universidade estadunidense, no caso a Universidade de Harvard, fundada em 1636 no estado de Massachusetts, para montar a sua narrativa paralelamente aos acontecimentos pertencentes à história estadunidense.

### **A identidade de um lugar: a conexão discursiva anglo-estadunidense no século XVIII**

Mesmo revestida de caráter sagrado, como possuidora de um espírito especial, a Rua apresentada pelo narrador possui marcas de transformação temporal que representam mudanças de período histórico: as pavimentações e calçadas de tijolos, a vestimenta e os instrumentos usados

---

<sup>14</sup> Considerada uma das guerras mais mortais da história estadunidense, a guerra do Rei Felipe começou em 1675 quando os indígenas *Wampanoag* se rebelaram contra a colônia de Plymouth na Nova Inglaterra. A motivação da rebelião se deu por conta da perda da autonomia política dos indígenas sobre suas terras. Segundo o historiador James D. Drake [2000, pág. 9], embora tanto ingleses quanto os povos nativos tenham sucumbido nessa guerra, nada se compara à dizimação ocorrida entre os próprios indígenas, principalmente porque havia alguns povos nativos, convertidos ao cristianismo, que também estavam lutando ao lado dos ingleses.

pelos habitantes – em especial a substituição do mosquete pela espada e do chapéu *capotain* pelo *tricórnio* e peruca, o que ocorreu após a expulsão dos índios pelos descendentes da terra natal, a Inglaterra. A paisagem da Rua é descrita abrangendo também elementos tanto da fauna como da flora, atribuindo aos componentes naturais um caráter idílico que é parte das intervenções humanas ocorridas na Rua. O enredo busca justificar, assim, que todas as partes se somam em sua composição, o espaço da Rua tem uma identidade própria:

Existiam naquela rua muitas árvores; olmos e carvalhos e bordos de dignidade; de modo que no verão a paisagem era só verdor suave e cheia de canto dos pássaros. Atrás das casas havia roseirais cercados com trilhas ladeadas de sebe e relógios de sol, onde à noite, a lua e as estrelas brilhavam encantadoramente e flores perfumosas cintilavam com o orvalho<sup>15</sup> [LOVECRAFT, 2008, p. 66, tradução nossa].

Apesar de tantas mudanças descritas pelo narrador, sua estratégia discursiva é apresentar sempre o lugar da Rua no século XVIII como parte da mesma identidade originária. Mesmo com a alteração das bandeiras – importante objeto de identidade de um lugar –, aos olhos do narrador esse episódio não ocasionou nenhuma variação na composição identitária da Rua. Depois de um conflito em que muitos jovens partiram sem retornar, ocorreu uma mudança: a velha bandeira deu lugar a uma nova bandeira de listras e estrelas<sup>16</sup>, porém isso não acarretou mudanças na paisagem da Rua. Como o espírito desta era profundamente interligado à ambientação local, o narrador enuncia: “E as árvores ainda abrigavam os pássaros cantores, e ao anoitecer a lua e as estrelas olhavam para as flores orvalhadas nos murados roseirais<sup>17</sup>” [LOVECRAFT, 2008, p.66, tradução nossa]. O século XVIII foi o período de maturação da Rua, diferente do século XVII, que foi seu nascedouro. Todavia, após justificar a contínua identidade espiritual da Rua em ambos períodos, outros eventos serão expostos pelo narrador, como a industrialização e a chegada de novos imigrantes, ao longo do século XIX,

---

<sup>15</sup> There were in that Street many trees; elms and oaks and maples of dignity; so that in the summer the scene was all soft verdure and twittering bird-song. And behind the houses were walled rose-gardens with hedged paths and sundials, where at evening the moon and stars would shine bewitchingly while fragrant blossoms glistened with dew. (LOVECRAFT, 2008, p. 66).

<sup>16</sup> Apesar de não nomear diretamente, o narrador alude ao episódio da Revolução Americana [1775-1783]. *Stars and stripes* – estrelas e listras – também é uma designação para a bandeira estadunidense que foi adotada pela resolução do Congresso Continental de 14 de junho de 1777. Mesmo com a mudança, o narrador enfatiza uma estabilidade no processo de formação identitária do lugar da Rua, apontando que a diferença de bandeiras não promoveu distanciamento com o passado da Rua, pois a sua paisagem originária do século anterior não foi alterada em nenhum aspecto.

<sup>17</sup> “And the trees still sheltered singing birds, and at evening the moon and stars looked down upon dewy blossoms in the walled rose-gardens.” (LOVECRAFT, 2008, p.66.)

concorrendo para o desmonte da identidade de ‘mar de rosas’ que suscitava a paisagem edênica da Rua.

### **O declínio do lugar: a indústria e os imigrantes como decadência no século XIX**

As sucessivas transformações na Rua prosseguem sendo reveladas: cartolas misturavam-se aos novos sons estridentes e a poluição do ar era visível através da luz elétrica emitida pelos postes; surgiam fábricas, trens e a burguesia urbana. Mesmo com essas drásticas transformações, o narrador insiste em afirmar que as alterações referidas não foram suficientes para que os habitantes da Rua perdessem por completo o seu sentimento de identidade com o local. O passado e o espírito da Rua ainda estavam preservados. Mas as transformações tecnológicas trouxeram novos habitantes<sup>18</sup> que se contrapunham ao espírito da Rua. O narrador descreve que, não estando mais presentes os antigos habitantes, o espírito da Rua arrefecia diante de outros tipos de sotaques e feições estranhas: “E os que vieram nunca foram como os que partiram; pois seus sotaques eram ásperos e estridentes e seu semblante e rostos desagradáveis<sup>19</sup>” [LOVECRAFT, 2008, p. 66. tradução nossa]. O narrador retrata que a alteração étnica dos imigrantes transformou a paisagem da Rua, e até os roseirais – como toda a flora que se integrava ao ambiente da sociedade – começavam a declinar diante de uma nova forma de princípios<sup>20</sup> que afrontava o espírito da Rua: “Seus pensamentos também lutaram contra o espírito sábio e justo da Rua, de modo que a Rua definiu silenciosamente enquanto suas casas caíam em

---

<sup>18</sup> Lovecraft remete ao início da imigração para os Estados Unidos, ocorrida na primeira metade do século XIX, especificamente no período que antecipa a Guerra Civil Americana [1861-1865]. A partir do estudo sobre a história da imigração nos Estados Unidos, realizado por Roger Daniels [2001], sabe-se que os irlandeses que fugiam da Grande Fome [1845-1849] foram o principal grupo étnico que aportou em solo estadunidense, em especial na Nova Inglaterra, região natal de Lovecraft. Além da distinção étnica que acirrava uma disputa territorial histórica entre irlandeses e ingleses, os irlandeses eram majoritariamente católicos, e isso aumentava o grau de xenofobia para com esse grupo ao ingressar nos Estados Unidos, país majoritariamente formado por protestantes. No mesmo período também houve uma imigração de alemães luteranos e escandinavos protestantes, que foram em sua maioria para áreas rurais do meio-oeste americano; e de chineses para a região oeste, no litoral pacífico, atraídos pela febre do ouro californiano. Esse último grupo foi um dos mais discriminados, sendo promulgado o Ato de Exclusão dos Chineses, em 1882, uma das primeiras leis de restrição à imigração voluntária, interrompendo o ingresso de trabalhadores chineses aos Estados Unidos.

<sup>19</sup> “And those who came were never as those who went away; for their accents were coarse and strident, and their mien and faces unpleasing.” [LOVECRAFT, 2008, p. 66.]

<sup>20</sup> Como o período é marcado pela imigração de irlandeses católicos, inseriu-se na cultura americana, majoritariamente protestante, o hábito da ingestão de bebida alcoólica. O Movimento da Temperança, baseado na teologia cristã protestante, defendia inicialmente abstermia alcoólica até radicalizar-se em defender a proibição total de venda e consumo de bebida alcoólica. Foi um importante grupo social que apoiou a Lei Seca nos Estados Unidos, em vigor entre 1920 e 1933. O costume de consumir bebida alcoólica já foi satirizado por Lovecraft no conto *Old Bugs*, escrito em julho de 1919 porém só publicado em 1959, postumamente.

decadência, suas árvores morriam uma a uma e seus jardins de rosas cresciam com ervas daninhas e resíduos<sup>21</sup> [LOVECRAFT, 2008, p. 66. tradução nossa].

Mesmo reconhecendo que os tempos eram ruins, houve um ímpeto de coragem por parte de jovens fardados de azul<sup>22</sup>, que marcharam para um conflito do qual poucos retornaram para suas casas. Mas esse foi o último fôlego, a decadência seria totalmente inevitável com a vinda de uma nova onda de imigrantes ainda mais estranhos que os anteriores: “Novos tipos de rostos apareceram na Rua; rostos morenos e sinistros com olhos furtivos e feições estranhas, cujos donos falavam palavras desconhecidas e colocavam sinais em caracteres conhecidos e desconhecidos na maioria das casas mofadas<sup>23</sup>” [LOVECRAFT, 2008, p. 67, tradução nossa].

O ingresso de uma etnia de fisionomia exótica e com idioma totalmente diferente do usual rompeu definitivamente o sentimento espiritual que havia entre a Rua e seus habitantes<sup>24</sup>. O declínio do lugar estava consumado, as flores que adornavam a paisagem edênica apodreceram com a fragrância tenebrosa da paisagem do medo: “Um fedor sórdido e indefinível se instalou no local, e o antigo espírito dormiu<sup>25</sup>” [LOVECRAFT, 2008, p. 67. tradução nossa].

## **A transfiguração do lugar: a ruína como reconexão ao espírito ancestral no século**

### **XX**

Os novos habitantes chegavam em massa aos Estados Unidos devido à guerra e à revolução que ocorria nos territórios do além-mar, trazendo às terras ocidentais todos os súditos da antiga

---

<sup>21</sup> “Their thoughts, too, fought with the wise, just spirit of The Street, so that The Street pined silently as its houses fell into decay, and its trees died one by one, and its rose-gardens grew rank with weeds and waste.” [LOVECRAFT, 2008, p. 66.]

<sup>22</sup> Esse aspecto mencionado pelo narrador é uma provável alusão às cores dos uniformes do exército da União durante a Guerra Civil Americana, em contraste com os Estados Confederados que utilizavam a cor de tonalidade cinzenta.

<sup>23</sup> “New kinds of faces appeared in The Street; swarthy, sinister faces with furtive eyes and odd features, whose owners spoke unfamiliar words and placed signs in known and unknown characters upon most of the musty houses.” [LOVECRAFT, 2008, p. 67.]

<sup>24</sup> Através da descrição utilizada pelo narrador, é possível identificar que os novos habitantes da Rua são os judeus ashkenazi, provenientes do leste europeu, em especial das regiões sob domínio do Império Russo. Com os vários ataques violentos antisemitas – conhecidos como Pogroms – no leste europeu, ocorridos nos períodos 1881-1884 e 1903-1906, a maioria dos judeus imigrou para os Estados Unidos. Segundo a historiadora sobre imigração judaica nos Estados Unidos, Hasia R. Diner [2004], durante o final do século XIX e início do século XX, em especial até o ano de 1924, quando a política migratória era estimulada, cerca de três milhões de judeus optaram por viver nos Estados Unidos, dos quais quase um terço era proveniente do leste europeu. Os judeus ashkenazi possuíam um idioma específico, o ídiche, que mesclava aspectos germânicos ao idioma hebraico. Talvez por isso o narrador enfatize tanto a distinção dos novos habitantes da Rua: não apenas pelo caráter fisionômico, mas também pelo idioma, totalmente diferente do originalmente usado pelos antigos moradores da Rua.

<sup>25</sup> “A sordid, undefinable stench settled over the place, and the ancient spirit slept.” [LOVECRAFT, 2008 p. 67.]

dinastia destronada, no caso, os Romanov. Eles habitavam os arcaicos alojamentos que eram reconhecidos pelos roseirais e cantos de pássaros. Segundo o narrador, a juventude fardada de verde-oliva novamente foi convocada para ações beligerantes operacionalizadas por três importantes bandeiras: a antiga, vermelha – da Inglaterra; a nova bandeira – estadunidense; e a bandeira tricolor – francesa. Muitos partiram e foram glorificados no campo de batalha, tendo levado o espírito da Rua, e os habitantes que lá permaneceram foram apenas os estranhos estrangeiros intrusos<sup>26</sup>.

A ignorância que se instalava por meio dos novos habitantes da Rua fazia o antigo espírito ancestral – a identidade do local – evanescer-se. As novas feições são a principal característica de mudança na Rua, marcando o fim de sua espiritualidade edênica e tornando-a uma paisagem do medo. Apesar de algumas feições serem semelhantes às dos antigos habitantes, a maioria, tal como descreve o narrador, é “morena e sinistra”, e todos irradiavam o brilho da ganância e da doentia ambição vingativa. Segundo o relato, todos eles estavam tramando uma conspiração contra os demais habitantes da Rua – cuja localidade era em território ocidental. Diz o narrador: “Agitação e traição espalharam-se entre uns poucos malvados que conspiraram para desferir um golpe mortal na Terra Ocidental, para que pudessem subir ao poder sobre suas ruínas; mesmo como assassinos montados naquela terra infeliz e congelada de onde a maioria deles tinha vindo<sup>27</sup>” [LOVECRAFT, 2008, p. 67, tradução nossa].

O enredo anuncia que o medo do complô e a conspiração dos novos habitantes conjugaram-se para transformar a Rua num lugar mórbido, perigoso e sombrio: “E o cerne dessa conspiração estava na Rua, cujas casas em ruínas fervilhavam de estranhos criadores de discórdia e

---

<sup>26</sup> Ao longo do conto, Lovecraft recorre a variadas palavras para descrever os estrangeiros: *stranger*, *foreign* e *alien*. Apesar de semelhantes, historicamente elas possuem algumas diferenças, tal como aponta o estudo de W. Rothwell em *Strange, Foreign, and Alien: semantic history of three quasi-synonyms in a trilingual medieval England*, publicado na *The Modern Language Review* [vol. 105; no.1; jan. 2010 p. 1 -19]. A mais usual é *stranger* – estranho, esquisito –, mas também há a presença de *foreign* – estrangeiro –, e o termo *alien*, que também tem o significado de estrangeiro, é muito usual ainda na legislação para designar imigrante em situação ilegal. Por isso, optou-se por conferir a *alien* o sentido de invasor ou intruso. Cf. ROTHWELL, 2010. p. 2 – 18.

<sup>27</sup> “Unrest and treason were abroad amongst an evil few who plotted to strike the Western Land its death-blow, that they might mount to power over its ruins; even as assassins had mounted in that unhappy, frozen land from whence most of them had come.” [LOVECRAFT, 2008, p. 67.]

ecoavam os planos e discursos daqueles que ansiavam pelo dia marcado de sangue, chamas e crime<sup>28</sup>” [LOVECRAFT, 2008, p. 67, tradução nossa].

O narrador descreve locais conspiratórios que foram edificadas na Rua, sendo dois ligados a prestação de serviços comerciais: a Padaria de Petrovitch<sup>29</sup> e o Café Liberdade. Os outros dois eram centros de confraternização e de formação intelectual: a Escola Rifkin<sup>30</sup> de Economia Moderna e o Clube do Ciclo Social. A integração dessas quatro instituições forja uma importante engrenagem para manter o grupo conspirador. O ponto de partida é a renda extraída da Padaria, do Café e dos cursos de formação de economia, que permite que os encontros nos círculos sociais sejam mantidos, favorecendo a criação de outra mentalidade para formar um novo planejamento que encerre toda a antiga ordem que imperava na sociedade que construiu a Rua.

Mensagens codificadas eram disseminadas pelo grupo conspirador e por mais que procurassem os organizadores<sup>31</sup>, estes jamais eram encontrados. Narra-se que os soldados de farda azul tentaram buscar a ordem contra os conspiradores, porém desistiram e abandonaram o ofício, restando a incumbência aos soldados de verde-oliva<sup>32</sup>, que deveriam solucionar o problema definitivamente, interceptando o inimigo invisível. Mas jamais conseguiram reconhecer os conspiradores e a ruína era algo inevitável. Os soldados de verde-oliva foram direcionados para

---

<sup>28</sup> “And the heart of that plotting was in The Street, whose crumbling houses teemed with alien makers of discord and echoed with the plans and speeches of those who yearned for the appointed day of blood, flame, and crime.” [LOVECRAFT, 2008, p. 67.]

<sup>29</sup> Sobrenome comum na Rússia devido à relação com o cristianismo ortodoxo. É uma derivação do grego *Petros*, que seria relacionado à passagem em que São Pedro é indicado como a *pedra* sobre a qual seria fundada a Igreja. A variação eslava Petrović também é muito comum na Servia.

<sup>30</sup> Sobrenome judaico escrito na língua eslava que deriva seu significado na matronímia Rivkas, diminutivo do feminino Riva, que é o diminutivo de Rebecca.

<sup>31</sup> Nesse sentido, observa-se que Lovecraft atribuía aos judeus a função de agentes conspiradores internacionais, tal como se depreende do Protocolo dos Sábios de Sião, narrativa que compila uma suposta documentação de reuniões de judeus que pretendiam conquistar o mundo. A falsa documentação foi publicada pela primeira vez em 1903 em russo, depois traduzida para o inglês em 1919. Apenas em agosto de 1921 a revista *The Times* provou que o documento se tratava de uma falsificação. Provavelmente, esses documentos exerceram uma influência sobre a escrita de Lovecraft durante esse período.

<sup>32</sup> Nesse momento, o narrador sugere uma digressão. Os soldados de farda azul eram os mesmos descritos no passado que lutaram pela União na Guerra Civil Americana. E os soldados de verde-oliva os que lutaram na I Guerra Mundial. No contexto desse momento, a farda azul alude à que era usada pelos guardas policiais de Boston que realizaram uma greve iniciada em 9 de setembro de 1919, conhecida como *Boston Police Strike*. A solução do motim só se deu quando o governador de Massachusetts, Calvin Coolidge, organizou uma milícia de voluntários junto com a Guarda Estadual de Massachusetts. Conforme Robert Murray [1955], o contexto da situação esteve associado com o perigo vermelho, *red scare*, e, por isso, os grevistas foram rechaçados pela opinião pública, sendo chamados pelos jornais de “desertores” e “agentes de Lenin”. Cf. Murray, Robert K. *Red Scare: A Study in National Hysteria, 1919-1920*. University of Minnesota Press. 1955. pp. 124

outros lugares, e o espírito que já não habitava a Rua também não sustentava as edificações – que apodreciam com o peso inexorável da temporalidade. Numa madrugada, de súbito tudo caiu num estrondoso barulho. No desfecho da história, o narrador afirma que a queda dos edifícios e casas ao redor da antiga Rua foi testemunhada por uma enorme multidão, em meio à qual estavam presentes um poeta e um viajante, que lhe contaram sobre a região da Rua parecer ter retornado a sua fragrância áurea originária de forma fantasmagórica. Para o narrador, a questão inicial permanece ainda em aberto: há um espírito nos lugares? Debochando de que a história sobre a Rua contada por um viajante e um poeta poderia ser mera trivialidade, tal aspecto final revela ao leitor que a pergunta do narrador é meramente retórica. Há sim uma alma que sustenta a vida dos lugares. E as narrativas são as ferramentas que a criam e dão forma de existência.

### **A narrativa como construção do lugar**

Na concepção de Yi-Fu Tuan [1983, pág. 3], o espaço é uma abstração criada pela racionalidade, sendo possível concebê-lo a partir de uma noção de amplitude, vastidão. O lugar é uma pausa no movimento, ligado aos nossos valores e tem relação direta com a experiência humana, capaz de modificar a perspectiva dos indivíduos sobre determinado local. A geografia humanística, como a que Tuan [1983] apresenta, possibilita outras formas de interpretar os espaços sem o recurso da racionalidade matemática. A linguagem humana é uma dessas possibilidades. E a literatura é um perfeito exemplo ilustrativo da forma como um autor engendra a composição de determinado lugar acrescentando visões pessoais, misturando o real com o fictício. O resultado dessa construção tem impacto no leitor que, a despeito de não conhecer pessoalmente o lugar evocado na obra de ficção, constrói em seu imaginário um modelo padrão da composição de tal espaço.

No processo de construção de um lugar, Tuan [1983, pág. 7] destaca que a pessoa atribui significado ao lugar mediante a experiência, a qual é múltipla. Isto é, esta pode se dar de diferentes formas, seja direta, indireta ou apenas conceitual. Ao tomar como objeto de análise o conto *The Street* [1920], de Lovecraft, observa-se que a narrativa está relacionada com a vivência do autor na Nova Inglaterra; e que sua própria experiência confere ao conto significados específicos, resultando na construção do lugar. Robert Tally, em sua obra *Spatiality* [2013], se utiliza do conceito de cartografias literárias para indicar as maneiras pelas quais os trabalhos de literatura funcionam como mapas simbólicos, que servem como orientação para dar sentido ao mundo circundante. Conforme Peter Turchi [2004 apud Tally 2013, pág. 46], o escritor tem uma dupla função: ao mesmo tempo em que

se preocupa e escreve sua narrativa, ele também é um cartógrafo, pois se apoia em processos de produção que vão delinear seu trabalho. A seleção e a omissão são categorias que estão presentes em ambas as atividades. Tanto o escritor quanto o cartógrafo selecionam elementos para incluir em seus escritos ou mapas. Os textos literários estão intrinsecamente conectados aos seus lugares de referência. A narrativa e o lugar estão intrinsecamente ligados nesse tipo de produção [TUAN, apud TALLY, 2015].

A ideiação de lugares como a Rua, realizada por Lovecraft em sua escrita, permite observar que qualquer narrativa pode ser encarada como uma forma de compreender a disposição das múltiplas espacialidades possíveis, que são reflexos da realidade vivida como tal, em que “o ato de escrever em si pode ser considerado uma forma de mapeamento ou uma atividade cartográfica<sup>33</sup>” [TALLY, 2013, pág. 45, tradução livre]. Nessa tarefa da escrita, Tally [2013] desenvolve uma analogia com o esforço empreendido na ciência cartográfica.

Como o cartógrafo, o escritor deve pesquisar o território, determinando quais características de uma paisagem incluir, enfatizar ou diminuir; por exemplo, algumas tonalidades podem precisar ser mais escuras do que outras, algumas linhas mais destacadas e assim por diante. O escritor deve estabelecer a escala e forma, não menos da narrativa do que dos lugares nela. O cartógrafo literário, mesmo aquele que opera em modos não realistas como mito ou fantasia, deve determinar o grau em que uma determinada representação de um lugar se refere a qualquer lugar ‘real’ no mundo<sup>34</sup> [TALLY, 2013, p. 45, tradução livre].

Por meio da análise efetuada nesta pesquisa, depreende-se que o narrador selecionou determinadas épocas da história estadunidense para exaltar os séculos XVII e XVIII, momento em que a conexão entre os Estados Unidos e a ‘pátria-mãe’, ou seja, a Inglaterra, estava próxima e, portanto, mais pura, ostentando o espírito de sua verdadeira essência. Tuan [1983], ao analisar as relações entre tempo e a experiência com o lugar, argumenta que recorremos ao passado para tentar adquirir um senso do eu e da identidade. Segundo o autor:

Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. Existem vários mecanismos para escorar as deterioradas paisagens do passado. [...] Em geral, podemos dizer que, sempre que uma pessoa [jovem ou

---

<sup>33</sup> “The act of writing itself might be considered a form of mapping or a cartographic activity.” (TALLY, 2013, pág. 45.)

<sup>34</sup> Like the mapmaker, the writer must survey territory, determining which features of a given landscape to include, to emphasize, or to diminish; for example some shadings may need to be darker than others, some lines bolder, and so on. The writer must establish the scale and the shape, no less of the narrative than of the places in it. The literary cartographer, even one who operates in such non-realistic modes as myth or fantasy, must determine the degree to which a given representation of a place refers to any ‘real’ place in the geographical world [TALLY, 2013, p. 45].

velho] sente que o mundo está mudando muito rapidamente, sua resposta característica é evocar um passado idealizável e estável. [TUAN, 1983, pág. 206;207;208].

Lovecraft busca um sentido de identidade na história do passado estadunidense, já que no presente por ele apresentado, as mudanças que estão ocorrendo nas cidades com a chegada dos imigrantes e o perigo iminente da *Ameaça Vermelha* provoca uma ruptura com a sua concepção da verdadeira essência do espaço estadunidense. A idealização e o medo são dois pontos de contraste no conto de Lovecraft. Em um primeiro momento, há uma paisagem idílica da Rua, ou seja, da Nova Inglaterra, em que o autor constrói uma noção de lugar com base em um imaginário idealista do passado. Em um segundo momento, observa-se que o medo é o elemento narrativo que permeia a experiência presente do narrador. O medo da identidade ultrajada, da ameaça iminente de uma rebelião e dos imigrantes formam, no texto, uma representação das ânsias e o horror que Lovecraft atribui à modernidade.

A paisagem montada é cada vez mais hostil. A presença das árvores e roseiras – na primeira parte do conto – é sinal de vitalidade e de beleza; o desaparecimento dessa vida acompanha o surgimento dos prédios que começam a ser mais comuns na vida do homem urbano do século XIX. No entanto, as casas da Rua continuam lá [o espírito continua lá], porque em sua perspectiva, o espírito do lugar – o *genius loci* – ainda permanece e aguarda um retorno após a decadência final. Novos personagens aparecem na história: os sujeitos de pele escura, com feições estranhas, conforme aponta o autor. A paisagem também é outra, com carrinhas ocupando a Rua<sup>35</sup>, que agora era possuída por um mau cheiro indescritível. O narrador revela que o fenecimento da beleza da Rua de outrora é ocasionado pela inserção desses novos personagens, que simbolizam, na vivência real do autor, sua aversão aos imigrantes que passaram a ter um papel ativo na sociedade estadunidense a partir do século XIX.

Por meio de correspondência trocada com o amigo e parceiro de trabalho August Derleth, tal sentimento anti-imigração de Lovecraft é verificado. Em uma carta de 12 de outubro de 1928, quase

---

<sup>35</sup> Andrew Heinze [1990], historiador estadunidense, aponta que entre os anos 1880 e 1914 um número significativo de imigrantes italianos, gregos, poloneses – sendo grande parte destes, judeus – começaram a se estabelecer nas ruas das cidades dos Estados Unidos formando pequenos comércios. Eram os *street peddlers* (vendedores ambulantes), que comerciavam frutas, legumes, dentre outros tipos de alimento. Embora o foco de Heinze [1990] seja a análise da cidade de Nova York, o fenômeno do comércio dos *street peddlers* abrangia também outras localidades dos Estados Unidos. Acredita-se que ao apontar tais características, Lovecraft esteja fazendo referência a esse tipo de comércio que delineou profundamente a paisagem de rua dos Estados Unidos entre o final do século XIX e o início do XX.

dez anos após a escrita do conto *The Street*, Lovecraft externa sua opinião ao rejeitar o então candidato à presidência Al Smith, descendente de irlandeses católicos. Lovecraft deixa evidentes os motivos para a sua oposição a certos tipos de europeu que vinham imigrando recentemente para os Estados Unidos.

Em questão de política – eu não me deixo levar muito pelo público jovem. Estou mais interessado em manter intacto o germe da cultura de 300 anos de idade na América do que tentar quaisquer experimentos de justiça social. Smith, ao meu ver, é um expoente direto do elemento de imigração mais recente – as hordas decadentes e inassimiláveis do sul da Europa e do Oriente, cuja presença em grande número é uma ameaça direta e profunda ao crescimento contínuo da nação nórdica-americana como conhecemos. Algumas pessoas podem gostar da ideia de uma América mestiça como a fase final do Império Romano, mas eu, pelo menos, prefiro morrer na mesma América em que nasci. Portanto, sou contra qualquer candidato que fale em deixar cair as grades para italianos sulistas, braquicefálicos e os russos e poloneses judeus mongoloides com cara de rato atrofiada e toda aquela escória maldita! Você no centro-oeste não consegue conceber a extensão da ameaça. Você deve ver uma típica multidão de cidade oriental – pele escura, fisionomias aberrantes, gestos e tagarelices nascidas de instintos estranhos<sup>36</sup> [LOVECRAFT, 2008, pág. 162, tradução nossa].

As raízes das concepções racistas de Lovecraft remontam aos intelectuais da Era Vitoriana. Desde o século XIX, intelectuais ingleses e estadunidenses buscaram uma perspectiva de unidade entre os dois países, justificando não apenas a sua superioridade em relação aos povos não europeus, como também em relação aos demais povos do próprio continente europeu, surgindo o anglo-saxonismo. Antecipando o nordicismo, que definiria os supostos arianos, o anglo-saxonismo serviu à justificativa racista para a corrida imperialista. Na biologia e na antropologia, buscou-se associação em razão de um pretense racismo científico. Diferentemente da Inglaterra, cuja finalidade era justificar sua soberania diante dos povos da África e Ásia por ela colonizados, a defesa desses ideais é verificável com maior ímpeto entre intelectuais estadunidenses<sup>37</sup> devido à imigração de povos fora do

---

<sup>36</sup> In the matter of politics—I don't go much with the younger crowd. I'm more interested in keeping the present 300-year-old culture-germ in America unharmed, than in trying out any experiments in "social justice". Smith, to my mind, is a direct exponent of the newer-immigration element—the decadent & unassimilable hordes from Southern Europe & the East whose presence in large numbers is a direct & profound menace to the continued growth of the Nordic-American nation we know. Some people may like the idea of a mongrel America like the late Roman Empire, but I for one prefer to die in the same America that I was born in. Therefore, I'm against any candidate who talks of letting down the bars to stunted brachycephalic South-Italians & rat-faced half-Mongoloid Russian & Polish Jews, & all that cursed scum! You in the Middle West can't conceive of the extent of the menace. You ought to see a typical Eastern city crowd—swart, aberrant physiognomies, & gestures & jabbering born of alien instincts [LOVECRAFT, 2008, pág. 162].

<sup>37</sup> Madison Grant [1865–1937] foi um importante guardião da eugenia nos Estados Unidos. O seu livro *The Passing of the Great Race* [1916] era defensor de uma legislação contra a miscigenação e de medidas restritivas para política migratória.

espectro<sup>38</sup> do anglo-saxonismo para os Estados Unidos, o que acarretava riscos culturais decorrentes das miscigenações<sup>39</sup>.

No artigo intitulado *The Crime of the Century*, publicado em abril de 1915 no *The Conservative*, Lovecraft defendia que os teutônicos representavam o ideário de superioridade racial, indo além das demais nações europeias. Eles estavam presentes na Inglaterra, Alemanha, Áustria, Escandinávia, Suíça, Holanda e Bélgica e se preservaram da miscigenação, ao contrário dos latinos – cujo declínio do Império Romano seria devido às miscigenações raciais. Apesar disso tudo, Lovecraft observava a I Guerra Mundial como uma beligerância fratricida, pois duelavam pela hegemonia global dois povos que compunham a anglo-saxonidade, ingleses e alemães. O desfecho desse confronto – que poderia ser a ruína racial devido à imigração de outros povos para os seus territórios – seria, para Lovecraft, o ‘crime do século’.<sup>40</sup>

O caráter internacional das ideologias racistas foi um fenômeno investigado por Hannah Arendt [1989] em *A Origem do Totalitarismo*. A filósofa comenta a partir das concepções políticas do barão Sir Charles Dilke, que ao defender o colonialismo britânico, influenciado pelas narrativas

---

<sup>38</sup> O economista e antropólogo racial estadunidense William Ripley, em seu livro *The Races of Europe: A sociological study* [1899], defendia que o continente europeu não seria composto por apenas um povo, mas por três grandes grupos – definidos pela medição da estrutura craniana ou índice cefálico: o grupo teutônico, dolicocefalo (de crânio longo); o grupo alpino, braquicefalo (de crânio redondo) e o grupo mediterrâneo, dolicocefalo (de crânio longo). De modo geral, os povos latinos e eslavos não eram considerados similares aos povos germânicos.

<sup>39</sup> A metáfora do *melting pot*, ou caldeirão cultural, era uma ideia de assimilação cultural guardada pelos defensores da política migratória aberta para os Estados Unidos. Essa perspectiva defendia que todos os povos poderiam misturar-se de maneira harmoniosa num processo de busca pela unidade identitária estadunidense em comum. O termo tornou-se mais usual ao dar título à peça de teatro *The Melting Pot*, escrita em 1908 por Israel Zangwill, filho de família judia que migrou da Rússia para a Inglaterra; o texto elogiava o caráter receptivo dos Estados Unidos em relação aos judeus que fugiam das perseguições no Império Russo e estavam dispostos a construir uma sociedade livre de divisões étnicas.

<sup>40</sup> “That the maintenance of civilization rests today with that magnificent Teutonic stock which is represented alike by the two hotly contending rivals, England and Germany, as well as by Austria, Scandinavia, Switzerland, Holland and Belgium, is undeniably true as it is vigorously disputed. The Teuton is the summit of evolution. That we may consider intelligently his place in history we must cast aside the popular nomenclature which would confuse the names 'Teuton' and 'German', and view him not nationally but racially, identifying his fundamental stock with the tall, pale, blue eyed, yellow-haired, long-headed 'Xanthochroi' as described by Huxley, amongst whom the class of languages we call 'Teutonic' arose, and who today constitute the majority the Teutonic-speaking population of our globe.” [LOVECRAFT, 2013, p. 23- 24.] “Que a manutenção da civilização repousa hoje com aquele magnífico estoque teutônico que é igualmente representado pelos dois rivais acalorados, Inglaterra e Alemanha, bem como pela Áustria, Escandinávia, Suíça, Holanda e Bélgica, é inegavelmente verdade, pois é vigorosamente disputado. O Teutônico é o ápice da evolução. Para que possamos considerar inteligentemente seu lugar na história, devemos deixar de lado a nomenclatura popular que confundiria os nomes 'Teutônico' e 'Alemão', e o veria não nacionalmente, mas racialmente, identificando sua origem fundamental com o alto, pálido, de olhos azuis, 'Xanthochroi' de cabelos amarelos e cabelos compridos, conforme descrito por Huxley, entre os quais surgiu a classe de línguas que chamamos de 'Teutônicas', e que hoje constituem a maioria da população de língua teutônica de nosso globo.” [LOVECRAFT, 2013, p. 23-24, tradução nossa.]

históricas de Thomas Carlyle, favorece a ideia da descendência de uma língua comum em detrimento dos direitos comuns. Estes passam a ser observados como direitos dos homens franceses, e o ‘direito dos ingleses’ excluía a participação de indivíduos externos a essa sociedade, enfocando a eugenia racial como forma de construção de uma unidade nacional por parte dos ingleses e estadunidenses. Conforme Arendt indica, esse elo seria constituído a partir da conscientização dos antigos cidadãos britânicos, que seriam os novos responsáveis por forjar uma unidade racial junto aos Estados Unidos:

O elo que os unia era a descendência comum, a origem comum, a língua comum. A separação dos Estados Unidos havia demonstrado que esses elos, por si só, não garantiam o domínio; e não só a América, mas também outras colônias, embora não com a mesma violência, evidenciaram forte tendência de adotar uma orientação constitucional diferente da do país de origem. Para salvar esses antigos cidadãos britânicos, Dilke, influenciado por Carlyle, falou de "saxonidade", palavra que parecia ter o dom de seduzir e trazer de volta à pátria até mesmo o povo dos Estados Unidos, ao qual ele devota um terço do seu livro. Como radical, Dilke podia agir como se a Guerra de Independência não houvesse sido uma guerra entre duas nações, e sim uma espécie de guerra civil inglesa do século XVIII. [ARENDR, 1989, pág. 212.]

Arendt [1989] expõe a similaridade: tanto para os intelectuais ingleses como para Lovecraft, no conto *The Street*, são minimizados os efeitos da Revolução Americana, tratando-a como uma espécie de guerra civil inglesa do além-mar. O ponto de unificação para esses dois lugares, Inglaterra e Estados Unidos, seria fundamentado pela noção de saxonidade, especialmente para a região da Nova Inglaterra dos Estados Unidos, lugar que se conservou sem a presença de indivíduos (considerados pelo autor) inferiores, como os mediterrâneos e os eslavos. Em paralelo com a vivência do autor, supõe-se que a aversão e o medo dos personagens e novos acontecimentos, externados no conto *The Street* [1920], representam uma visão de constituição de mundo forjada por Lovecraft. As paisagens mentais construídas pelo autor dialogam diretamente com a idealização de uma identidade e de um lugar e com um sentimento de medo que ameaça toda essa tradição. Tuan [2005], em sua obra *Paisagens do Medo*, informa que na geografia a paisagem é um conceito que evoca diversos significados. Na geografia humanística, a paisagem tem profunda relação com o indivíduo. Portanto, as ‘paisagens do medo’ estão vinculadas a estados psicológicos, assim como ao meio ambiente real [TUAN, 1979, pág. 10]. As paisagens mentais do lugar que Lovecraft habita, ou seja, a Nova Inglaterra, são representadas na obra do autor e reproduzem sua perspectiva de mundo.

Tuan [2005, pág. 16] argumenta que é na grande cidade que ainda podemos observar a permanência de velhos medos. A rotina frenética e caótica da cidade, encarada como selva, desorienta e assusta os recém-chegados. E é na cidade que o medo do outro é visto com mais proeminência. É especialmente com o estrangeiro que, desde a Idade Média, os indivíduos desenvolveram determinados hábitos em reação à presença do forasteiro na cidade. Na América, desde o século XVIII, o medo de estrangeiros era um sentimento comum. Em 1740, em Nova York, a histeria dos cidadãos brancos levou à crença numa espécie de ‘conspiração negra’, que acabou provando ser apenas uma teoria conspiratória existente na imaginação dos cidadãos dominados pela ansiedade [TUAN, 2005, pág. 265].

Ao atentar-se para o conto, observa-se que na perspectiva do narrador existe uma tensão com o desenrolar de uma possível revolta atribuída aos europeus provenientes do Leste, supostamente filiados à ideologia comunista. A construção dessa paisagem do medo é influenciada pelo conflito, já mencionado neste trabalho, *Boston Police Strike*. Em 11 de novembro de 1920, na correspondência para Frank Belknap Long, escritor estadunidense de fantasia, Lovecraft revela a sua inspiração para o conto *The Street* [1920]:

O motim da polícia de Boston no ano passado foi o que motivou essa tentativa – a magnitude e a importância de tal ato me chocaram. No outono passado, foi terrivelmente impressionante ver Boston sem os casacos azuis e observar os guardas estaduais com mosquetes patrulhando as ruas como se a ocupação militar estivesse em vigor. Eles iam aos pares, com aparência determinada e vestidos na cor cáqui, como se fossem símbolos da luta que está por vir na batalha contra o monstro inquieto do bolchevismo<sup>41</sup> [LOVECRAFT, 2004, pág. 254, tradução nossa].

A histeria relacionada a uma possível revolução comunista era lugar-comum dentro da sociedade estadunidense em 1919. Os rumores e a ansiedade diante de um possível ‘ataque vermelho’ parecem ter aflorado ainda mais após a greve policial de Boston, cuja principal reivindicação estava centrada na melhoria dos salários e das condições de trabalho dos policiais. Robert K. Murray, em seu livro *Red Scare: a study in national hysteria, 1919-1920*, comenta a reação exagerada e exaltada dos estadunidenses após a Revolução Russa de 1917, que tomou conta da sociedade. Na obra, o autor

---

<sup>41</sup> The Boston police mutiny of last year is what prompted that attempt—the magnitude and significance of such an act appalled me. Last fall it was grimly impressive to see Boston without bluecoats, and to watch the musket-bearing State Guardsmen patrolling the streets as though military occupation were in force. They went in pairs, determined-looking and khaki-clad, as if symbols of the strife that lies ahead in civilisation’s struggle with the monster of unrest and bolshevism [LOVECRAFT, 2004, pág. 254].

narra a disseminação, principalmente empreendida pelos jornais, de diversas notícias que beiravam a histeria, derivada do medo de um provável ataque comunista. Lovecraft, que vivenciou todo esse contexto, experienciou tal fenômeno que, de acordo com Murray [1955], circunscreveu-se mais a um estado da mente do que a algum evento mais concreto, ocasionado por uma série de fatores que culminou em uma paranoia generalizada dentro dos Estados Unidos, conforme o autor indica:

Como vimos, em meados de 1919 houve uma série de fatores que estabeleceram as condições necessárias para o desenvolvimento da psicose nacional. O cenário contemporâneo do pós-guerra, com seu emocionalismo nascido da guerra, seu desejo equivocado de normalidade e sua instabilidade política e econômica representou um desses fatores. A ascensão do bolchevismo russo, a afinidade dos radicais domésticos com a doutrina bolchevique, a greve de Seattle, os distúrbios e as bombas constituíram outros. Também foram significativas as várias investigações, o sensacionalismo da imprensa e as atividades de certos políticos, empregadores, veteranos e superpatriotas<sup>42</sup> [MURRAY, 1955, pág. 105, tradução nossa].

Além desses acontecimentos geradores de tal histeria, a presença de imigrantes, principalmente os provenientes do leste europeu, acentuou a paranoia dos estadunidenses. Ao prosseguir sobre as paisagens do medo na cidade, Tuan [2005] fornece o panorama histórico que se desenrolava nas cidades americanas desde o século XIX:

Na segunda metade do século XIX, a chegada maciça de imigrantes nas cidades americanas, que, com o passar do tempo, organizaram poderosas máquinas políticas, fez que os patrícios perdessem o controle dos governos urbanos. Seus medos políticos, então, foram coloridos de hostilidade étnica, um sentimento visceral de desagrado pelos modos de viver em clã e o linguajar inculto dos novos americanos. Além disso, os patrícios, que tinham orgulho de sua capacidade de pensar calma e racionalmente, sentiam uma repugnância estética pelo que percebiam que era uma predisposição do populacho urbano para a fanfarronice e expansividade. [TUAN, 2005, pág. 267]

As paisagens imaginadas por Lovecraft demonstram não apenas uma construção individual do medo, mas uma elaboração decorrente de um imaginário ligado às coletividades. A noção da verdadeira tradição estadunidense está vinculada a um período de predominância do domínio inglês no território dos Estados Unidos. Para Lovecraft, a perda da conexão e do ideário de saxonidade é

---

<sup>42</sup> As we have seen, by mid-1919 there were a host of factors in existence which were establishing the conditions necessary for the development of national psychoneurosis. The contemporary postwar scene with its war-born emotionalism, its misguided desire for normalcy, and its political and economic instability represented one such factor. The rise of Russian bolshevism, the affinity of domestic radicals for the Bolshevik doctrine, the Seattle strike, the riots, and the bombs constituted still others. Also significant were the various investigations, the sensationalism of the press, and the activities of certain politicians, employers, veterans, and super-patriots [MURRAY, 1955, pág. 105].

um de seus próprios medos externados, principalmente quando o fator imigração entra em cena. Os ‘homens de pele escura’ formam – no imaginário pessoal do autor – uma ameaça iminente que supostamente coloca em risco a sua pátria. De forma metafórica, a deterioração da paisagem da Rua representa esse fenômeno.

No século XIX, com a explosão demográfica dos nativos estadunidenses e o progressivo aumento da quantidade de estrangeiros nas ruas de capitais como Boston, Augusta, Providence e Concord, provocaram o surgimento de setores específicos que abrigavam sujeitos de determinadas etnias. Conhecidos como guetos, esses redutos compunham bairros que eram segregados do resto da cidade. Os guetos formam uma verdadeira paisagem do medo para cidadãos que, assim como Lovecraft, se enxergam de forma distinta dos demais. A ‘corrupção’ do espírito da Rua, no conto, leva a supor que ela poderia ter sido transformada em um desses bairros – um gueto –, motivando o autor a manifestar todo o seu desprezo e amargor pela degradação daquele espaço outrora abrigo de uma suposta verdadeira tradição.

### Considerações Finais

Ao investigar o conto *The Street* [1920] percebe-se a relação que existe entre a história e a literatura. Dentro desse processo de análise, evidencia-se como a narrativa literária ficcional é fecunda na produção de espaços. Os escritores, tal como os cartógrafos, produzem seus mapas simbólicos mediante a sua experiência no mundo, com escolhas e exclusões do que deve fazer parte ou não da sua história: o espaço é moldado por meio da subjetividade do olhar de quem o produz.

Ao analisar a narrativa de Lovecraft inserida em seu contexto, destacam-se novas perspectivas para o exame da suposta *Ameaça Vermelha* nas manifestações grevistas dos Estados Unidos em 1919. A descrição das manifestações foi objeto de exploração não só dos jornais de grande alcance público, mas também da própria literatura ficcional que circulava na imprensa amadora. Esta análise propiciou observar a fabricação de discursos sobre o imigrante na sociedade estadunidense. Colocados como antagonistas no conto, estes sujeitos são responsabilizados por tramarem uma suposta conspiração que visava a destruição das antigas tradições. A concepção literária de lugares, como a Rua, tem lastro numa idealização do passado e se relaciona a eventos do tempo presente, formando a perspectiva do autor, seu modo singular de enxergar o mundo.

Essa idealização de um passado inalcançável é o território imaginado por Lovecraft da Nova Inglaterra, seu local de nascimento nos Estados Unidos, inspirado na pátria-mãe distante, a Inglaterra. A sua insatisfação com o presente deletério gera o processo de imaginação de espaços utópicos. A ideia de ‘saxonidade’ e de superioridade de determinados indivíduos circunscrevem no espaço as diferenças entre o eu e o outro. Segundo a visão do escritor, a paisagem do medo surge quando os estrangeiros aparecem na Rua – advindos de outras culturas não anglo-saxônicas – e passam a habitá-la durante os séculos XIX e XX.

Por meio dessa metáfora, o espaço da Nova Inglaterra é reconstruído no conto numa perspectiva idealizada de um passado glorioso, que no presente é corrompido por agentes externos, não pertencentes àquele local. No final da narrativa, surpreende o ressurgimento fantasmagórico das ruínas da antiga Rua, o *genius loci*, sinalizando a ideia de ciclicidade da história. A figura espectral da Rua permanece e, na visão de Lovecraft, aguarda pacientemente por um retorno após a destruição do lugar.

#### Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DANIELS, Roger. **American Immigration: a student companion**. New York: Oxford University Press, 2001.

DANIELS, Bruce C. **New England Nation: the country that puritans built**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

DINER, Hasia R. **The Jews of the United States**. California: University of California Press, 2004.

DRAKE, James D. **King Philip's War: Civil War in New England, 1675-1676 Native Americans of the Northeast**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2000.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. trad. Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, n. 53, p. 166 – 182, 30 maio 2012.

HEINZE, Andrew. Jewish Street Merchants and Mass Consumption in New York City, 1880 – 1914. **American Jewish Archives**, n.XLI [2], p. 199 – 214.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias** [primeira parte]. Introdução, tradução e comentários: Mary de Camargo Neves Lafer. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

JOSHI, S.T. [org.] **Collected Essays: amateur journalism**. New York: Hippocampus Press, 2004.

JOSHI, S.T.; SCHULTZ, David. E. **Essential Solitude: The letters of H.P. Lovecraft and August Derleth 1926 – 1931**. New York: Hippocampus Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **An H.P. Lovecraft Encyclopedia**. New York: Hippocampus Press, 2004.

LOVECRAFT, H.P. **The Fiction: complete and unabridged**. New York: Barnes and Noble, 2008.

\_\_\_\_\_. **The Conservative**. London: Aktos Media, 2013.

MURRAY, Robert. **Red Scare: a study in national hysteria 1919 – 1920**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1955.

ROTHWELL, W. **“Strange”, foreign” and “alien”**: the semantic history of three quasi-synonyms in a trilingual medieval England. *The Modern Language Review*. Vol. 105, No. 1, pp. 1-19 [19 pages], january 2010.

TALLY, Robert. **Spatiality**. New York: Routledge, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira.

São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Paisagem do Medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

WRIGHT, John Kirtland. **Geographical lore of the time of the Crusades: a study in the history of medieval science and tradition in Western Europe**. New York: Rumford Press, 1925.